

Divulgação



Belmonte usa nome fictício para falar da Universal; Bruno Garcia - em cena com Christian Malheiros - chega às raías do assombro como um pastor corrupto

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Caixinha de surpresa, o prolífico cinema autoral do diretor José Eduardo Belmonte (“Alemão” e “Aurora”) já rendeu ao cinema algumas joias (“Gorila”, “Se Nada Mais Der Certo”) em sua imparável produtividade, ao devassar os códigos (sobretudo morais) de uma sociedade que é craque em ser hipócrita. Só não se esperava que ele devassasse o neopentecostalismo brasileiro – indo aos intestinos do sistema digestivo das crenças evangélicas – com a contundência que faz em “Justino – Nos Bastidores do Reino”. Há sessão dessa joia nesta terça-feira na Mostra de São Paulo, às 16h40, no Reserva Cultural 2.

É uma adaptação dos relatos literários do ex-pastor e escritor são-gonçalense Mário Justino (lan-

É ver e crer... pra mudar

Surpresa de Gramado, ‘Justino’ desata amarras do fundamentalismo e celebra a maturidade de José Eduardo Belmonte na direção

çados em livro pela Geração Editorial). Esse pregador já descrente dos pregos do obscurantismo é bem interpretado por Christian Malheiros. O ator levou o Kikito para casa, quando o longa-metragem fez sua primeira projeção pública, no Festival de Gramado, atropelando a Serra Gaúcha. Belmonte dividiu

com Ivan Finotti a merecida láurea de Melhor Montagem.

Mais frenético do que em seu discurso fílmico habitual, Belmonte usa um nome fictício para falar da Igreja Universal e transforma um Caio Blat na raia do assombro num alter ego de Edir Macedo. Ao cair nas lábias de servos de Cristo, num

momento de selvagem segregação entre os racistas de sua escola e de cansaço em relação à brutalidade de seu pai (Antonio Pitanga), Justino encontra abrigo na Palavra de Nosso Senhor.

Seu erro foi se deixar encantar por uma pregação capitalista da Bíblia. Numa edição pautada à vis-

ceralidade, feita por Finotti e pelo próprio realizado, o longa encontra na figura da estrela de stand-up trans (mas chamada no roteiro de travesti) Danuza, personagem de Onna Silva, seu grande eixo de empatia. É uma presença que iluminou Gramado e saiu de lá com um prêmio especial. É a vez de ela iluminar SP.

Paralelamente à Mostra, Belmonte está lançando “Assalto À Brasileira”, com Malheiros e Murilo Benício, que chega às telas no próximo dia 5. O enredonse passa na manhã de 10 de dezembro de 1987, no centro de Londrina, no Paraná. Por volta das 11h, sete homens armados e com os rostos encobertos invadiram a principal agência do Banestado, renderam os vigias e anunciaram um roubo. O que parecia ser mais uma ação criminosa se transformaria em um acontecimento político, acompanhado por milhares de pessoas nas ruas e marcado por um desfecho de deixar os cinemas boquiabertos.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

NESTE QUARTO, de Ana Rocha de Sousa (Portugal): Uma ode ao fado na escuta de uma de suas vozes mais lúdicas e potentes: Carminho. Neste poema documental, a diretora de “Listen” (2020) acompanha a cantora e compositora portuguesa em uma turnê por seu país e pelo Japão. Entre concertos, bastidores, quartos de hotel, táxis, silêncios e sussurros, o filme entrelaça o universo fadista com a paisagem deste país orinetal, numa rica interseção entre culturas. Onde: IMS, 14h.



Divulgação

ISABEL, de Gabe Klinger (Brasil): Marina Person merece todos os prêmios do mundo por sua atuação nesta comédia etílica, com ar de “Sessão da Tarde”, lançada na Berlinale. Numa SP com a maior cara de Irajá, a sommelier Isabel zanza entre o chamego do DJ francês Fred (Gregory Chastang) e a amizade pétrea do futuro expert em bebidas Nico (Caio Horowicz). Ela está cansada de seu patrão, o chef Tommaso (Marat Descartes) e pensa em abrir um bar de vinhos. Onde: Espaço Petrobras 1, 19h45.



Divulgação

CORAÇÃO DE LONA, de Tuca Siqueira (Brasil): Ao longo de 95 minutos, o longa acompanha Inês, bailarina que vive com a família num circo em decadência. Depois de perder um filho, ela precisa atravessar uma dor que transforma a relação com o passado. Tuca trata a história como uma fábula realista sobre encerramento de ciclos. Representante do Brasil na competição oficial da Biarritz, essa produção é fotografada por Gustavo Pessoa Tijolinho com montagem de Tainá Menez. Onde: Espaço Petrobras 1, 21h30.